

A INTEGRAÇÃO DOS JUDEUS EM SÃO PAULO

Marília Freidenson¹

Resumo: Um estudo citado por Richard M. Morse menciona a “incompatibilidade entre grupos de judeus” de São Paulo em 1941. Uma pesquisa foi feita para verificar se a incompatibilidade poderia ter sido causada pelas diferenças de idiomas e tradições dos judeus asquenazitas da Europa Oriental e sefaraditas de origem ibérica. Seus percursos ao longo da história foram detalhados. A escassa comunicação que havia entre eles no Brasil não poderia ser definida como incompatibilidade. As entrevistas do projeto de História Oral *A Imigração Judaica em São Paulo*, do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, mostram que aconteceram desavenças entre judeus esquerdistas de várias tendências na década de 1930, esclarecendo a citação de Morse, mas as entrevistas também confirmam a integração dos judeus em São Paulo.

Palavras-chave: Identidade judaica. Percursos históricos. Imigrantes judeus.

Introdução

No livro *Formação Histórica de São Paulo (De Comunidade a Metrópole)*, Richard M. Morse afirma: “No caso dos judeus, um estudo de 1941 revelou (...) que, ao passo que os imigrantes raramente se casavam com brasileiros, metade dos seus filhos o fazia; e que a incompatibilidade entre grupos de judeus era maior do que entre judeus e paulistanos.” (MORSE, 1970, p.333-335).

O acervo do Projeto de História Oral: *A Imigração Judaica em São Paulo*, desenvolvido pelo Núcleo de História Oral Gaby Becker do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, atualmente com 380 entrevistas, oferece a possibilidade de entender o motivo da “incompatibilidade entre grupos de judeus”, mencionada por Morse.

Identidade judaica

Antes de prosseguir, um esclarecimento é necessário: Os descendentes dos antigos hebreus - que num mundo predominantemente idólatra adoravam um Deus Único e invisível – têm uma história muito longa. De acordo com a época, o local e a circunstância, se identificavam - simultaneamente ou não – como povo, religião, ou pela tradição e origem histórica.

¹Diretora de História Oral do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro (AHJB)
Pesquisadora do Núcleo de História Oral Gaby Becker do AHJB
Co-Presidente do Conselho de Fraternidade Cristão-Judaica de São Paulo
Rua Pascoal Paes, 422. Brooklin, São Paulo, SP. Cep. 04581-060
Tel. (11) 5044 9191 – (11) 9103 1717 - imarilia@terra.com.br

Para explicar essas identidades, por vezes sobrepostas, partir-se-á de informações antigas. Há cerca de 3000 anos existiu o Reino de Israel. Seus habitantes, os israelitas, professavam uma religião monoteísta e sua identidade era nacional e religiosa. Quando o Reino de Israel foi dividido, surgiu o Reino da Judéia; seus habitantes, os judeus, professavam a mesma religião e sua identidade também era nacional e religiosa.

Naquela época já existiam grandes comunidades judaicas fora da Judéia: por exemplo, em Roma, Alexandria, na Babilônia e na Cirenaica, que ficava onde hoje é a Líbia e já desapareceu faz tempo.

Depois da conquista da Judéia pelos romanos, os judeus perdem seu *locus* nacional, mas seu vínculo religioso permanece. A lembrança da origem também permanece, tanto que em Portugal, antes da Inquisição, ainda eram denominados “os da nação”, mesmo que sua nação, como pátria física, já não existisse há mais de mil anos.

Quando os conceitos modernos de nacionalidade foram estabelecidos, nos países que adotaram o *jus solis* - a nacionalidade determinada pelo local de nascimento - a identidade judaica passou a ser essencialmente religiosa. Mas havia outros países, principalmente na Europa Oriental, nos quais vigorava o *jus sanguinis*. Nesses países, a ascendência, o sangue, determinavam a nacionalidade e os judeus eram considerados estrangeiros, mesmo que lá estivessem há quase mil anos. E para onde deveriam se reportar senão à sua antiga e então extinta pátria? Daí a confusão entre nacionalidade e religião que alguns imigrantes trouxeram consigo de além mar na década de 1930.

No Brasil, onde vigora o *jus solis*, essa confusão não tem razão de ser e o fator de identidade é a religião. Essa é a minha opinião. Mas a questão é mais complexa... Como fica a identidade dos judeus desligados da religião ou dos que paradoxalmente são ateus? Nesses casos o vínculo com o judaísmo é mantido com base nas tradições familiares ou no reconhecimento da origem histórica. O conceito de “povo” como grupo – não como nacionalidade - também pode ser incluído entre as possíveis formas de identificação. Realmente, a definição da identidade judaica não é simples.

Existem variações até no modo como se denominam. Em alguns países se dizem judeus, em outros, israelitas e, em outros, idish. Os que nascem em Israel são israelenses, não necessariamente israelitas, termo que passou a designar somente a religião.

Judaísmo

Os fundamentos da religião judaica estão na Torá, que é o Pentateuco - os cinco primeiros livros da Bíblia hebraica, também conhecida como Antigo Testamento. Todos os judeus se reportam ao mesmo livro sagrado e as orações em hebraico são comuns a todos, mas seus rituais e tradições podem variar.

“O judaísmo contemporâneo é multiforme e diversificado, e a distinção entre judaísmo ortodoxo, conservador e liberal constitui apenas uma das numerosas possibilidades de classificação.” (HOFMANN, 2007).

As linhas religiosas que co-existem no judaísmo distinguem-se pelo maior ou menor rigor na observância religiosa. Desde os mais tradicionalistas aos mais modernos todos se baseiam na mesma fonte; a forma de cumprir os preceitos religiosos varia, mas geralmente existe uma atitude respeitosa entre eles. Um exemplo dos diversos matizes religiosos dentro do judaísmo pode ser observado na entrevista desse senhor nascido no Brasil em 1915:

- Se eu frequentava a sinagoga? Olhe, eu vou agora quando tem as festividades, mas eu não rezo; quem faz esse papel pra mim é a minha mulher. Ela entra, leva o livro e reza o dia inteiro. Na verdade eu também nunca cultivei, digamos, estas coisas... Mas me sinto judeu, sabe?... Mas a gente pensa que poderia haver mudanças em algumas coisas para a gente se sentir um pouco mais tranqüilo como judeu. Quando os ortodoxos aparecem no sábado, e as pessoas ficam olhando todos de preto, com chapéus pretos, com roupa preta, com tudo preto... Eu vejo os brasileiros ridicularizarem e fico sentido... Dá uma dor de estômago, sabe? Eu não sei se não poderiam... - Nada de mudar a religião, pelo amor de Deus! - mas pôr um terno cinza, um chapéu branco, sei lá... (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.157-158)

Uma vez que não havia “incompatibilidade entre grupos de judeus” no aspecto religioso, resta investigar outras possíveis causas: as diferenças de costumes e idiomas entre os judeus de origens diversas ou, então, diferenças políticas e ideológicas.

A diversidade de origem

Existem judeus etíopes, indianos, iemenitas etc., mas aqui interessa falar dos que vieram ao Brasil. São Paulo recebeu imigrantes judeus de várias procedências. Conforme o país de origem, falavam línguas diferentes, tinham hábitos diferentes e características próprias na forma de praticar a religião. Entre eles havia dois grupos predominantes: os *asquenazitas* e, em menor número, os *sefaraditas*. Essas denominações, de origem geográfica, são relacionadas às regiões onde os judeus viveram ao longo de sua longa história.

Será necessário voltar novamente ao passado para explicar os percursos e deslocamentos que deram origem a esses termos.

Os sefaraditas

O termo *Sefaradita* deriva de *Sefarad*, que significa “Espanha” em hebraico. Os *sefaraditas* - ou *sefaradim*, no plural hebraico – são, ou foram em algum momento da sua história, “espanhóis”, mais precisamente, judeus ibéricos.

“Os judeus habitavam a Península Ibérica muito antes da chegada dos romanos e da própria introdução do cristianismo.” (MENDA, 2007).

Nos tempos bíblicos o Reino de Israel, no lado oriental do Mediterrâneo, tinha no extremo oposto a Espanha, ou melhor, a Península Ibérica. Muitos navegavam no Mar Mediterrâneo, inclusive – e aqui se cita a Bíblia como fonte – israelitas súditos do Rei Salomão, junto com “homens marinheiros entendidos em náutica”, fenícios, do reino de Hirão de Tiro, seu vizinho e aliado. Isto há cerca de 3000 anos. (BÍBLIA SAGRADA, 1964, p.256).

É provável que naquela época mercadores israelitas freqüentassem os entrepostos comerciais fenícios ao redor do Mediterrâneo, estabelecendo-se em suas feitorias; portanto, a presença de judeus em *Sefarad* pode retroceder a épocas muito antigas.

Devido à expulsão dos judeus da Espanha em 1492, os *sefaraditas* foram para vários lugares, principalmente Portugal, Marrocos, Itália, Turquia e outras partes do Império Otomano.

Em Portugal, poucos anos depois, a situação foi diferente; um Édito de Expulsão chegou a ser promulgado, mas os judeus não foram expulsos. Em 1497 mais de 20.000 foram convertidos à força – aparentemente o Rei Dom Manuel queria que permanecessem lá. Essa é a origem dos cristãos novos, muitos dos quais acabaram vindo ao Brasil (KAYSERLING, 1971, p.115).

Voltando aos judeus espanhóis, uma entrevistada nascida em 1914 em Magnésia, na Turquia, explica a origem da língua que os *sefaraditas* falavam no cotidiano: o *ladino*.

Em 1492 todos os israelitas que estavam na Espanha emigraram para diversos países, mas uma grande parte foi para o Oriente, para a Turquia, e vocês sabem que fomos muito bem recebidos no Império Otomano. Na nossa estada na Turquia todos nós, os israelitas de lá, falávamos espanhol. Espanhol como quando chegamos da Espanha! Mas com o tempo este espanhol foi se modificando, então se formou este jargão que a gente chama *ladino*, mas que era o antigo espanhol. Têm espanhóis que ficam até admirados de ver como conservamos palavras do antigo espanhol, e mesmo do português. Bastante português, sabem? (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.123).

A maior parte dos judeus marroquinos que foram ao norte do Brasil durante o século XIX, era *sefaradita*.

Os primeiros antepassados que chegaram aqui foram meus bisavós paternos chamados Sol e Elias Alves... porque as origens são meio portuguesas e espanholas, e apesar de eles serem marroquinos, eram todos vindos da Espanha e Portugal. Por causa da Inquisição provavelmente eles saíram de lá. Parece que essa comunidade judaica lá de Marrocos era muito benquista; a população muçulmana não tinha nada contra os judeus. Acontece que por causa das constantes guerras e das doenças, o mercado de trabalho ficava muito empobrecido, e os jovens acabavam almejando sair de Marrocos. (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.26).

Outro descendente de marroquinos descreveu o dialeto que os *sefaraditas* falavam naquele país: “*Haquitia* é um dialeto dos judeus de Marrocos. É uma mistura de espanhol com árabe e hebraico.” (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.30). Nem todos os judeus marroquinos eram *sefaraditas*, lá existiam comunidades locais antiqüíssimas.

Uma curiosidade: Os judeus marroquinos chamavam os judeus do Oriente Médio de *foinquinitas*. Essa palavra deriva de *Foinquinos*, que em hebraico significa “Fenícia”. (BENCHIMOL, 1998, p. 74). Os judeus que permaneceram no Oriente Médio desde os tempos bíblicos não são *sefaraditas* nem *asquenazitas*, pois não passaram pelas migrações que deram origem a esses termos.

Para os judeus *sefaraditas* a comunicação com os brasileiros foi fácil porque a maioria falava o *ladino*, parecido com espanhol e português. No começo do século XX alguns judeus *sefaraditas*, principalmente da Turquia e outras partes do Império Otomano, vieram a São Paulo. Hoje é difícil rastrear a história desses imigrantes isolados. Com sobrenomes ibéricos e nenhuma dificuldade com o idioma, sua assimilação foi total, inclusive no aspecto religioso, com poucas exceções. Nem todos os seus descendentes têm noção da origem judaica dos antepassados.

No final da Primeira Guerra chegaram judeus *sefaraditas* de várias partes do desmantelado Império Otomano. Eram famílias constituídas que se integraram rapidamente em São Paulo, preservando a sua identidade religiosa. No começo reuniam-se com outras famílias da mesma procedência para manter suas tradições ancestrais.

Uma senhora nascida em Beirute, Líbano, em 1904 – ainda sob o domínio Otomano - veio a São Paulo em 1920. Entrevistada em 1994, ela ainda tinha um sotaque característico:

Antes da guerra não era Líbano, era Turquia. Quando acabou a guerra [Primeira Guerra Mundial] já é Líbano, ficou independente, mas ficou falando francês. Como a gente fala aqui português, ali falava francês. Só dentro de casa, cada um com sua língua, mas na rua quando vai fazer sua compra, é francês. Quando eu vim aqui eu falava francês. (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.99).

Com os brasileiros sempre me dei bem. Eles até iam à minha casa pegar jornal da França, porque o vapor parou em Marselha, então ali comprei jornal e trouxe; de moda, porque eu sei costurar. Então eles levavam o jornal e tiravam moda do meu jornal. Viviam em casa. (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.106).

Agora vejam o que ela diz dos *asquenazitas*:

Por algum tempo aqui os costumes eram iguais aos do Líbano. Não se casava com *ashquenazim*. Com eles a relação não era muito boa porque eles falam diferente de que nós. Mas agora não, agora está tudo igual. (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.106).

Esse comentário mostra que a comunicação entre os *sefaraditas* e *asquenazitas* era difícil, mas não quer dizer que havia incompatibilidade.

Em 1924 um grupo *sefaradita*, formado em sua maioria por turcos e gregos, fundou uma sinagoga na Rua Abolição. Inicialmente conhecida como “Templo Israelita Brasileiro do Rito Português”, depois passou a ser chamada Congregação Israelita Sefaradi do Estado de São Paulo (WOLFF, 1988, p. 91). Seu rabino, Jacob Mazaltov, nasceu em Istambul em 1883 e chegou aqui em 1923. Ele foi o primeiro a traduzir um livro de orações do hebraico para o português e já naquela época mantinha contato com a Cúria Metropolitana visando o entrosamento das religiões! (KOCHEN, 2006, p.16-17).

Mais tarde, nas décadas de 1950/1960, o Brasil acolheu judeus vindos do Egito e de outros países do Oriente Médio. Muitos vieram a São Paulo. No início eles freqüentaram a sinagoga da Rua Abolição, mas algum tempo depois os libaneses e os egípcios fundaram as suas próprias sinagogas. Isso de forma alguma representa incompatibilidade, foi simplesmente porque suas tradições são um pouco diferentes.

Alguns dados demográficos

Segundo os recenseamentos, em 1900 o número de judeus em todo o Estado de São Paulo era de 226 (DERTÔNIO, 1971, p. 22). Atualmente, de acordo com o Conselho Estadual Parlamentar de Comunidades de Raízes e Culturas Estrangeiras (CONSCRE, 2007), a população judaica do Estado é estimada entre 60 mil e 70 mil pessoas, principalmente na capital. Esta fonte não informa se são *sefaraditas* ou *asquenazitas*, mas mesmo contando com a imigração de 1950/60, os *sefaraditas* são menos numerosos do que os *asquenazitas* em São Paulo.

Um interlúdio francês

Judeus franceses vieram ao Brasil no século XIX. Um entrevistado brasileiro, cuja mãe veio da Alsácia em 1919, explica:

Quase todos os judeus franceses vieram da Alsácia. A maioria veio por causa da guerra de 1870, que anexou a Alsácia à Alemanha. Os franceses que vieram para cá foram logo aceitos pela sociedade brasileira, porque muitos brasileiros mandavam os filhos estudar na França. A França, na época, era modelo de educação, de cultura, era tudo isso, e falar francês era importante. Então os judeus franceses vieram aqui já com certa deferência, vamos dizer, eles já podiam falar com alguém. Essa é a grande diferença entre o pessoal que veio do norte da Europa, da Rússia, da Polônia, que não falavam a língua e tinham que ficar entre eles. (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.52).

Ele se refere aos judeus da Europa Oriental, que permaneciam unidos nos primeiros tempos aqui, sem que isto impedisse sua gradual integração em São Paulo.

Os asquenazitas

O termo *asquenazita* deriva de *Ashquenaz*: “Alemanha” em hebraico. Portanto, *asquenazitas* - ou *ashquenazim* no plural hebraico - significa “alemães”, judeus alemães. Volto novamente à narrativa bíblica antes de descrever os percursos que deram origem ao termo *asquenazita*.

Após a morte do Rei Salomão o Reino de Israel foi dividido e se formou o Reino de Judá, a Judéia. O Reino de Israel, conquistado por Sargão II em 721 a.C., desapareceu junto com as dez tribos que tantas lendas e especulações geraram (EBAN, 1973, p. 101).

Os judeus do Reino da Judéia, conquistado pela Babilônia em 587 a.C., retornaram do exílio babilônico cinquenta anos depois, reconstruíram o Templo de Jerusalém que havia sido destruído e continuaram seu percurso na História. (DESHAYES, 1969, p. 488 e 492).

Depois da conquista da Judéia pelos romanos e a segunda destruição do Templo de Jerusalém (em 70 d.C), começou o que se chama de grande diáspora. Judeus cativos foram dispersos pelo Império Romano, levando consigo a lembrança de Jerusalém como centro espiritual do judaísmo.

Os romanos, que já ocupavam a Judéia, ao invés de salgarem a terra como fizeram depois da vitória em Cartago para apagar sua lembrança (EYDOUX, 1973, p.95), mudaram o nome do país para Palestina e o da sua capital, Jerusalém, para Aélia Capitolina. Este último nome “não pegou”.

Em 212 o Édito de Caracala concedeu cidadania a todos os judeus do Império Romano. (EBAN, 1973, p.113). Cita-se aqui um trecho do livro *A História dos Judeus de Moeurs*, na tradução de um entrevistado nascido naquela cidade da Alemanha:

A história dos judeus no rio Reno é a mais velha da Alemanha. Os judeus vieram com os romanos. Os romanos deram a eles direitos civis e o mais velho testemunho é do ano 321. Nesta carta o Imperador Constantino menciona a congregação judaica de Colônia, e os cemitérios mostram que são muito mais antigos. No século IV os judeus foram nomeados 'aqueles que ficam', os *manentes*. (DALBRAN apud FREIDENSON; BECKER, 2003, p.193).

A perseguição na época das Cruzadas – não avalizada pela Igreja Católica inicialmente – provocou o deslocamento dos judeus da Alemanha em direção à Europa Oriental (FALBEL, 2001). Isso ocorreu por volta de 1095 e a população judaica, tendo vivido na Alemanha por mais de 700 anos, levou consigo o idioma que conhecia há muitas gerações.

O ídish, falado por grande parte dos judeus da Europa Oriental, é originário do alemão medieval com componentes do hebraico e eslavo. A palavra “ídish” deriva do alemão *juedisch*, e também significa “judeu” ou “judaico”. O nome se reporta ao antigo Reino da Judéia. Com o tempo, a palavra *asquenazita* passou a identificar todos os judeus da Europa Oriental que falavam ídish.

Antes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) várias regiões da Europa Oriental, que depois se tornariam países independentes, pertenciam à Rússia. Nas palavras de um entrevistado nascido em 1912: “Os judeus que nasciam lá, a primeira língua que eles aprendiam era o ídish; entre si falavam ídish. Eles sabiam russo, mas todos falavam ídish.” (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.88).

A história de uma das primeiras famílias *asquenazitas* vindas da Europa Oriental foi relatada por uma senhora nascida em São Paulo em 1911.

Meus avós vieram ao Brasil em 1889. Eles eram da Polônia, acho que de Varsóvia, mas eles não vieram como imigrantes não. Meu avô quando veio para cá, ele veio numa situação financeira... não vou dizer milionário, mas relativamente bem. Primeiro eles moraram em Santo Amaro onde é a Represa, que naquela época não era Represa, era terra e era de propriedade do meu avô. Depois eles foram para São Paulo, e ainda não tinha ninguém aqui da nossa gente. Minha mãe disse que eles eram a primeira família de judeus no Bom Retiro. Pelo que eu escutei falar tinha muitos italianos lá. (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.54).

Sobre o bairro do Bom Retiro, Hilário Dertônio escreve o seguinte:

Por volta de 1860 o Bom Retiro passara a contar com a primeira grande olaria da cidade, que utilizava as argilas da várzea, a Olaria Manfred, e em fins do século XIX o capitalista Manfredo Meyer adquiriu e loteou enorme área abrindo ruas. Os italianos, a partir de 1880, e os israelitas, a partir de 1900, encontraram para si um ‘bom retiro’ no bairro. (DERTÔNIO, 1971, p.12).

O historiador Ernani Silva Bruno também menciona Manfredo Meyer, citando um texto de Henrique Raffard de 1890: “Bem andou o Manfredo Meyer abrindo ruas e vendendo lotes nos seus vastos terrenos do Bom Retiro.” (BRUNO, 1984, p.1035). Os pesquisadores Egon e Frieda Wolff informam:

Manfred Meyer era um israelita alsaciano, comissário-agente do consulado francês carioca, autorizado, em 1871, a aceitar subscrições para as vítimas da guerra franco-prussiana. Homem generoso, contribuiu para as mais variadas causas com importâncias elevadas. (WOLFF, 1988, p. 69).

A entrevistada deste estudo também falou sobre Manfredo Meyer: “No Bom Retiro tinha um senhor que se chamava Manfredo Meyer, o qual era judeu, que construiu uma vila de casas e as alugava a um preço baratíssimo e algumas pessoas não podiam pagar e ele não cobrava nada.” (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.55). Mesmo sabendo que o Sr. Manfredo era judeu, ela disse: “ainda não tinha ninguém aqui da nossa gente”. Isso mostra a comunicação incipiente que havia entre judeus de procedências diferentes naquele tempo.

A partir do momento que os imigrantes começam a falar português, sua integração em São Paulo acontece naturalmente. O comentário de uma senhora, que chegou da Rússia em 1914, revela que seu pai, que veio em 1912, tinha bons amigos:

Quando chegamos no Rio fomos chamados pelo alto-falante; disseram para minha mãe que tinha um amigo do papai, um sírio, que estava a nossa procura. Sírio, ele falava português, e nós falávamos ídish - não dava muito, não é? Traduziram que ele veio nos buscar para levar-nos a casa dele, que ele ia chamar o papai para que viesse nos buscar. (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.83).

Por meio das entrevistas pode-se ver que, em pouco tempo, o português já era a língua falada em casa. Um exemplo pode ser visto na entrevista de um senhor nascido em São Paulo em 1914, filho de imigrantes que vieram da Rússia em 1910:

Meus pais, entre si, falavam russo quando não queriam que a gente entendesse, mas a língua em casa sempre foi o português. O bom é que nós crescemos realmente como brasileiros. (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.77).

Por volta de 1915, judeus *asquenazitas* começam a organizar as primeiras instituições religiosas e de auxílio aos imigrantes. Uma senhora nascida em 1907 em São Paulo, cujos pais tinham vindo antes de 1900, fala a respeito disto:

Minha mãe, junto com uma meia dúzia de pessoas conhecidas dela - conhecidas da Rússia - começou fazer grupos de auxílio para as pessoas mais necessitadas. Tinha o Dr. Seng que foi um anjo mesmo para as famílias judias do Bom Retiro. Ele formou um hospital na Avenida Paulista - é o Santa Catarina de hoje - e lá ele recebia todas as senhoras grávidas que precisavam de auxílio para ter o nenê. (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.71).

Depois da Primeira Guerra Mundial o número de imigrantes judeus aumentou. Um entrevistado, que se tornou um grande industrial em São Paulo, nasceu na Rússia em 1902 e chegou em São Paulo em 1921 com a mãe, duas irmãs e um irmão mais novo. O pai já estava nessa cidade.

Meu pai nos esperou no Rio de Janeiro. Viemos para São Paulo, que naquela ocasião tinha 800.000 habitantes. Eu dizia que mais do que um ano eu não vou ficar aqui... Eu não falava a língua! Só falava russo e ídish, e era difícil para mim. Mas depois eu aprendi rápido. (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.141).

As crianças aprendiam o português com mais facilidade. Seu papel como “tradutoras” aparece em várias entrevistas. Uma entrevistada, que nasceu em 1921 na Polônia e chegou aqui em 1923, conta como os imigrantes eram recebidos:

Nós morávamos no Bom Retiro, vizinho da sinagoga. Antigamente a sinagoga era em cima e embaixo ficavam os imigrantes. Todo mundo ia receber os imigrantes. Os homens levavam o varão e iam ensiná-lo a trabalhar, e a mulher ficava ali com as crianças. Eu devia ter uns sete anos e era a “intérprete oficial”. Ia com as mulheres fazer compras porque eu falava ídish e falava português. (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.211).

Outro entrevistado que veio da Rússia em 1925 descreve a chegada dos imigrantes:

Todos eram recebidos pela comunidade judaica, e o pessoal ia se espalhando. E a partir daí então começaram a se formar os primeiros núcleos, os pequenos clubes no Bom Retiro, que eram os clubes regionais. Os judeus da Bessarábia tinham um clube chamado *Sucorone* [Securon] - davam um baile carnavalesco no ‘Comercial’; e formou-se o *Poilige Farband* que era mais dos judeus de origem polonesa. Começaram a ter as pequenas subdivisões (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.149).

Assim ficou-se sabendo que os judeus da Bessarábia já promoviam um baile de carnaval naquela época. A propósito das subdivisões, uma entrevistada, filha de judeus russos que nasceu em 1914 no Rio Grande do Sul, fez o seguinte comentário:

Minha mãe não queria que eu casasse com polonês, porque não sei. Os poloneses também falavam que não queriam que os filhos deles casassem com *bessarábbers* (provenientes da Bessarábia). Isso foi naquela época, hoje acho que não seria assim. (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.153).

Dê fato, hoje não seria assim. As pequenas subdivisões que havia entre *asquenazitas* de vários países, desapareceram totalmente; para seus filhos brasileiros elas perderam a razão de ser. Mesmo enquanto elas existiam, havia solidariedade. Um entrevistado nascido em 1911 na Ucrânia, então Rússia, que veio ao Brasil em 1920, relatou um fato que aconteceu na década de 1930:

Meu pai era um homem que gostava de fazer o bem e não olhava a quem. A gente arranjava dinheiro fazendo bailes. Quando, para um desses bailes, uns rapazes entraram na loja e pediram para ele um donativo, ele deu. Então meu irmão disse: - 'Ô pai, eles são comunistas!' Eram realmente comunistas. - 'E você dá dinheiro agora também para comunistas?' Meu pai disse: 'Meu filho, quando um judeu me estende a mão eu não pergunto se ele é comunista, o que ele é, ou seja lá o que for.' Este era o jeito de papai. Ele contribuía para tudo e para todos. Não era de briga. (BARMAK, Entrevista 1).

O pai desse senhor não era de briga, mas pode-se perceber não havia consenso político. Foi nessa área que se encontrou o provável motivo da "incompatibilidade entre grupos de judeus", detectada no estudo de 1941 mencionado por Richard Morse.

O livro "*Bolchevismo e Judaísmo, A Comunidade Judaica sob o olhar do DEOPS*" tem informações sobre o cenário político da época:

Foi na década de 30 que o Departamento de Ordem Política e Social (DEOPS) ganhou forças, combatendo as idéias e as atividades políticas articuladas por estrangeiros e brasileiros identificados com os ideais democráticos e com a luta antifascista. (WIAZOVSKY, 2001, p. 25).

Naquela época, "os judeus asquenazitas concentravam-se em torno de seus similares identificados pelo "falar" do ídiche (sic), pelo modo casher de preparar os alimentos, por suas rezas especiais e formas de comemorar suas festas tradicionais. No entanto era no ideário político () que muitos se encontravam fortalecendo suas utopias. Alguns até de forma ingênua, mas que para a polícia, representavam uma força a ser combatida." (WIAZOVSKY, 2001, p. 90).

"O fato de a comunidade judaica estar organizada através de escolas, sinagogas, associações de assistência e cultura nem sempre era bem visto pelas autoridades oficiais, que associavam essa forma de organização a uma expressão de perigo social e político." (WIAZOVSKY, 2001, p. 86). Nesse contexto de vigilância sistemática, qualquer documento em idioma estrangeiro era passível de suspeita. "Os documentos em ídiche (sic) eram sempre uma incógnita, prestando-se para classificar os judeus entre os grupos idiomáticos que pertenciam ao PCB." (WIAZOVSKY, 2001, p. 25-26).

O *Centro de Cultura e Progresso* (antigo *Jugend Club*), a Sociedade Israelita Ezra e outras entidades eram visados pelas autoridades. (WIAZOVSKY, 2001, p. 88).

As autoridades e os investigadores não sabiam diferenciar os judeus de esquerda e os que não compactuavam com esse ideário. Isso gerava situações esdrúxulas, como se pode ver no prontuário de Isaac Teperman, suspeito por ter seu nome na relação de associados judeus do *Centro de Cultura e Progresso*. Como vários outros investigados, esse industrial - respeitado por sua participação generosa nas associações de amparo aos imigrantes e aos idosos - não participava de movimentos políticos e não era esquerdista.

Também a Sociedade Israelita Ezra, fundada por judeus *asquenazitas* em 1916, nunca teve qualquer envolvimento político. “As instituições que existiam naquela época enquadravam-se tipicamente como assistenciais de amparo.” Eram dirigidas e orientadas por membros das famílias já estabelecidas aqui, “que assim cumpriam o preceito religioso da ajuda aos necessitados.” (HIRSCHBERG, 1976, p. 22-23).

A primeira ata da *Sociedade Israelita Amigos dos Pobres*, mais tarde denominada Sociedade Brasileira de Beneficência Ezra, define seus objetivos como tendo o “fim especial de não deixar ir pedir esmolas, auxiliar os pobres, doentes e arranjar serviço aos que não tem, e ajudar também materialmente quando é necessário.” (FALBEL, 1999, p.16-17).

Já o *Centro de Cultura e Progresso*, que depois passou a ser chamado “Casa do Povo”, tinha outros objetivos e reunia judeus de várias tendências que apreciavam suas atividades culturais. Entre eles havia também comunistas.

É importante mencionar algo sobre a procedência desses judeus. Na Rússia czarista a maioria dos judeus era obrigada a viver em relativo isolamento nas regiões designadas pelo Czar, conhecidas como “zonas de residência”, em condições miseráveis e adversas. Isso sem falar nos *pogrom* - palavra russa que significa perseguição ou massacre organizado contra judeus - que eclodiam com a omissão, ou mesmo o beneplácito do governo.

Nesse contexto pode-se entender que “o socialismo chegou aos judeus como uma redenção, uma oportunidade de viver numa sociedade igualitária.” Muitos judeus comunistas eram “imigrantes fugidos da perseguição e da miséria econômica.” (WIAZOVSKY, 2001, p. 88-89).

Uma entrevista esclarece a “Incompatibilidade entre grupos de judeus”

Um senhor polonês que nasceu em 1910 e chegou aqui em 1930, descreve os desentendimentos que aconteceram naquela época.

No primeiro trecho da entrevista pode-se perceber seu esforço para aprender o idioma, que mesmo imperfeito, não o impediu de destacar-se em suas atividades. Ele chegou a ter uma grande confecção e foi um dos fundadores das escolas do SENAI.

Eu comecei aprender português dois dias depois da chegada. Quando tive o primeiro dinheiro comprei dois dicionários: um era polonês-alemão, o outro alemão-português, porque não tinha dicionário polonês-português. Depois eu comecei a comprar - porque era jornal bonito - o Estado de São Paulo. Nas horas vagas o meu lugar era em cima da cama com os dois dicionários, com esse jornal, e comecei a aprender o que eu precisava para a primeira saída: perguntar “onde”, “o que” etc. (TREZMIELINA, Entrevista 2).

Eis o que ele fala do *Centro de Cultura e Progresso*:

No começo quando eu era imigrante freqüentei o *Jugend Club*, que depois se tornou o *Centro de Cultura e Progresso*. Eu e minha senhora fomos lá. De vez em quando se ouvia uma conferência, depois formaram um teatro, no tempo de solteira ela tomou parte no teatro.

É interessante notar que ele se considerava imigrante só “no começo”.
Seguem mais informações sobre o *Centro de Cultura e Progresso*:

Depois nós não gostávamos da situação lá do clube porque tinha muitos comunistas e era perseguido pela polícia. No meio de 1936 houve uma dissidência de grupos nesse clube, porque lá houve uma briga política e partidária e os Trotskistas com mais dois grupos saíram de lá e formaram um outro clube.

Este outro clube [*Ainat Club*] era composto principalmente por gente que gostava de literatura e tinha por fim formar uma biblioteca, realizar cursos, palestras e conferências. Me recordo que sábado a noite sempre tinha uma mesa redonda com discussão sobre temas literários e artigos de jornais e revistas que apareciam em várias regiões do mundo - porque tinha grupos inclinados um para um lado, outros para outro lado - mas através dessas discussões eles chegaram sempre a um acordo sobre um tema. Os principais temas sempre eram pró ou contra as ideologias dos escritores judeus soviéticos, comparando com escritores judeus que viviam na Polônia antes da guerra, ou nos Estados Unidos e na França; e nessas mesas redondas as discussões sempre chegaram a conclusões sem usar o “Boxe” que foi usado no outro clube.

Ele confirma, portanto, a “incompatibilidade entre grupos de judeus”, e brigas que aconteceram antes de 1941. E explica o motivo dos desentendimentos.

Na época que houve aquelas brigas, aquela esquerda [que permaneceu no *Centro de Cultura e Progresso*] seguia um caminho e ideologias Stalinistas. Sempre saiam lá essas brigas por motivos ideológicos que, hoje sabemos, é um balão que se esvaziou completamente.

Como disse Paulo Sérgio Pinheiro: “ninguém poderia prever que essa problemática fosse pelos ares com a derrubada do muro de Berlim e com os levantes populares contra os regimes comunistas no final de 1989.” (1992, p. 331).

O senhor polonês encerra a sua entrevista assim:

Nós vivíamos na diáspora dois mil anos não por nossa vontade, mas sempre por imposição. Quando chegamos no Brasil encontramos uma terra onde se vivia em liberdade, onde se podia expressar, até certa época, à vontade. Nós sentimos que podemos viver a vida para nós marcada de viver [destinada para viver] como bom cidadão deste país, por ser uma terra de poder viver em liberdade e ter o culto próprio em liberdade.

Quer dizer que não havia discriminação religiosa, que era a primeira coisa que nós sentimos na Polônia, onde os judeus eram indefesos a única saída era deixar o país. Aqui nós encontramos toda a liberdade; nós podíamos viver, podíamos trabalhar, podíamos livremente expressar nossa vontade religiosa.

A liberdade de culto foi um fator fundamental para que os imigrantes judeus se integrassem, de coração, em São Paulo.

Judeus da Europa Central

Os judeus da Europa Central não falam ídish, e nisto se distinguem dos demais *asquenazitas*. No acervo do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro há entrevistas de refugiados da Alemanha que chegaram durante a década de 1930 e, em menor número, da Itália. Estes merecem um pequeno aparte:

Na Itália existem quatro ritos religiosos com características próprias: O rito italiano propriamente dito, praticado pelos descendentes de judeus que viviam na Itália desde a época do Império Romano - segundo o demógrafo Massimo della Pergola, é o que mais se aproxima ao que era praticado no Templo de Jerusalém -, o rito espanhol (sefaradita), o alemão (asquenazita), e o levantino (Grego-Oriental). No começo do século XX algumas comunidades unificaram estes ritos, outras os preservam até hoje. Os judeus italianos que emigraram para o Brasil depois da decretação das “Leis Raciais” na Itália, em 1938, incluem representantes destas quatro vertentes, já bastante mescladas. (FREIDENSON).

Em 1936 os judeus alemães fundaram sua própria sinagoga, a Congregação Israelita Paulista (CIP), que hoje reúne judeus de todas as procedências que se identificam com o judaísmo liberal.

Um senhor que veio da Alemanha em 1936, conta como foi obrigado a interromper seus estudos:

Eu consegui me formar em direito, que estava no último semestre, e fiz um exame em dezembro de 33, o penúltimo judeu que se formou em Berlim. Então eu fui para uma pequena cidade onde havia uma universidade, onde seria mais fácil fazer meu doutorado, mas antes de concluir fui expulso da universidade por atividades marxistas. Devo dizer que nunca fui marxista e nunca me envolvi em política, mas tive um desentendimento com um homem da SS. Em consequência disto não pude concluir o doutorado.

Cheguei aqui no Brasil com dois colegas e logo fui no comitê de auxílio. A gente não queria dinheiro, queríamos trabalhar. (SIMON, Entrevista 3)

Seu primeiro emprego aqui foi numa serraria, carregando toras de madeira.

No fim da Segunda Guerra Mundial chegaram os sobreviventes com suas lembranças terríveis, difíceis de contar e mais difíceis de esquecer. Depois vieram os húngaros, que fugiram em 1956, e os que foram obrigados a sair do Egito e de outros países do Oriente Médio, deixando tudo para trás. As organizações de auxílio mobilizaram-se para recebê-los, proporcionando apoio econômico, moradia e aulas de português.

Algum estranhamento ainda acontece, mas as pessoas acabam se entendendo. Uma senhora brasileira, filha de judeus húngaros, confidenciou:

Meu genro é israelense. A verdade é que nós não queríamos esse casamento, porque a gente achava que ele tinha uma educação totalmente diferente da nossa, e que esse casamento estava fadado a não dar certo.

Graças a Deus eu errei redondamente. Eu te digo que hoje é um dos melhores casamentos. Não existe alguém que possa ser melhor filho do que esse meu genro. (BENEDEK, Entrevista 4).

O senhor alemão, já citado, fala sobre a integração entre os judeus numa perspectiva mais ampla:

Esse trabalho [de História Oral] que vocês estão fazendo é importante para mostrar como a gente aqui amalgamou tudo. Eu que fui formado na Alemanha e sou de mentalidade e formação bastante 'alemão', rígido e tudo, e a minha mulher vêm de um ambiente completamente diferente... [sua família veio do Marrocos]. E do Marrocos já vieram no século passado com o 'boom' da borracha; de lá vieram muitos para o Pará e para o Amazonas. A mistura dos judeus poloneses e russos e romenos, e aqueles que vieram do Egito e do Líbano e do Marrocos... Realmente há a possibilidade de se formar aqui, como se formou, um novo judaísmo. (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.25).

Este trabalho finaliza com o depoimento de um entrevistado que nasceu na Romênia em 1917 e chegou aqui em 1924:

Comigo aconteceu um fato interessante. Como criança na escola, no Grupo Escolar, fui me integrando psicologicamente como brasileiro. Eu, que nunca tinha sentido na infância essa sensibilidade, digamos, de patriotismo, sentia um brasileirinho que estava em mim, que estava me preparando para o futuro deste país. É uma sensação inexplicável... Eu me senti brasileiro!

Eu me sinto brasileiro, quase nato, porque nós estamos integrados com os brasileiros, que é uma retribuição da cortesia de terem recebido os nossos pais, avós... Por que não dar um Prêmio Nobel a este país que foi - que é - tão não discriminador de nada? (FREIDENSON; BECKER, 2003, p.174).

Conclusão

A incompatibilidade entre grupos de judeus detectada no estudo de 1941 não foi motivada por diferenças religiosas, culturais ou idiomáticas existentes entre judeus de procedências diversas, mas pode ser atribuída às desavenças de judeus esquerdistas de várias tendências que aconteceram na década de 1930, fato que perdeu totalmente sua razão de ser.

Pode-se afirmar, com base nas entrevistas do Projeto de História Oral: *A Imigração Judaica em São Paulo*, que todos os imigrantes judeus amam este país e são gratos pela hospitalidade do povo brasileiro. Isto certamente favoreceu a sua integração com os paulistanos - e entre si. Como disse o nosso entrevistado de Berlim, "a gente aqui amalgamou tudo".

É preciso ressaltar que a liberdade de culto foi importante para a integração dos judeus na nova pátria, gerando um sentimento de pertencimento muito forte como o que levou vários rapazes judeus a se alistarem voluntariamente nas tropas paulistas na Revolução Constitucionalista de 1932. Os judeus de São Paulo participam integralmente da vida da cidade em todas as áreas e se orgulham de fazer parte do povo paulistano.

Referências bibliográficas

- AVI-YONAH, M. *Our living Bible*. Jerusalem: International Pub. Co. Ltd., 1962.
- BENCHIMOL, S. *Eretz Amazônia - Os judeus na Amazônia*. Manaus: Valer, 1998.
- BÍBLIA SAGRADA. 3 Reis 9/26. Barsa, 1964.
- BRICKMANN, C. *A corda e os fios*. São Paulo: Este Mês na CIP, maio 2007. p. 22.
- BRUNO, E.S. *História e tradições da cidade de São Paulo* Vol. III - 3a Edição (*Estudos Históricos* direção de Fernando Novais). São Paulo: Hucitec /Prefeitura do Município de São Paulo/ Secretaria Municipal da Cultura, 1984.
- CONSCRE - Conselho Estadual Parlamentar de Comunidades de Raízes e Culturas Estrangeiras. www.al.sp.gov.br/porta/site/alesp/menuitem.6
- DALBRAN, H. *A história dos judeus de Moeurs*. Alemanha: 1984. In: FREIDENSON, M.; BECKER, G (Orgs.). *Passagem para a América* - relatos da imigração judaica em São Paulo. São Paulo: Arquivo do Estado / IMESP, 2003.
- DERTÔNIO, H. *O bairro do Bom Retiro*. São Paulo: Prefeitura Municipal/Secretaria de Educação e Cultura, 1971.
- DESHAYES, J. *Les civilizatons de L'Orient Ancien*. Paris: Arthaud, 1969.
- EBAN, A. *A história do povo de Israel*. Rio de Janeiro: Bloch, 1973.
- EYDOUX, H.-P. *A procura dos mundos perdidos: as grandes descobertas arqueológicas*. (1967). Tradução de Ulpiano T. Bezerra de Menezes. São Paulo: Melhoramentos/USP, 1973.
- FALBEL, N. *Kidush Hashem*. Crônicas hebraicas sobre as cruzadas. São Paulo: Edusp/Imesp, 2001
- _____. *Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil*. São Paulo: FIESP, 1984
- _____. *Inventário dos Fundos das Entidades Benéficas* - Arquivo Histórico Judaico Brasileiro. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999 (Série Fontes de Pesquisa)
- FREIDENSON, M.; BECKER, G. (Orgs.). *Passagem para a América* - relatos da imigração judaica em São Paulo. São Paulo: Arquivo do Estado / IMESP, 2003.
- FREIDENSON, M. *O papel do idioma na integração dos imigrantes judeus*. V Encontro Regional Sudeste de História Oral – ABHO. Tiradentes, MG, nov. 2003.
- HIRSCHBERG, A.I. *Desafio e Resposta* - A história da Congregação Israelita Paulista desde a sua fundação. São Paulo: CIP, 1976.

- HOFMANN, N.S.D.B. Secretário da Comissão para as relações religiosas com o judaísmo. *Relações religiosas com o judaísmo: um vínculo particular*. L'Osservatore Romano, 27 de janeiro de 2007.
- KAYSERLING, M. *História dos judeus em Portugal*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- KOCHEN, C. *Um rabino inovador e criativo*. São Paulo: Boletim Informativo AHJB. n. 36, nov. 2006.
- MAZALTOV, J. *Ritual de orações para as festas de Rosh-Hashaná conforme o Rito Sefaradi*. ("Tradução Portuguesa pelo Rev. Rab Jacob Mazaltov, chefe espiritual da Congregação Israelita Sefaradi do Estado de São Paulo. Rua Abolição 457") São Paulo, 1939. Tomo I.
- McEVEDY, C. *Atlas da História Antiga*. São Paulo: Verbo, 1990.
- _____. *Atlas da História Medieval*. São Paulo: Verbo, 1990.
- MENDA, N. (*Presidente do Conselho Sefaradí*) Rio de Janeiro: *Jornal Alef Press*, 2007.
- MORSE, R.M. *Formação histórica de São Paulo* (De comunidade à metrópole). São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- NEHER-BERNHEIM, R. *L'ebraismo nel mondo romano*. Milano: Scuola della Comunità Israelitica di Milano, 1969.
- PINHEIRO, P.S. *Estratégias da ilusão: A revolução mundial e o Brasil: 1922 – 1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- RAFFARD, H. Alguns dias na Paulicéia. In: BRUNO, E.S. *História e tradições da cidade de São Paulo*. 3a ed. São Paulo: Hucitec /Prefeitura do Município de São Paulo/ Secretaria Municipal da Cultura, 1984. p.1035. (*Estudos Históricos* direção de Fernando Novais). vol. III.
- SACHAR, H.M. *O judeu nos tempos modernos*. Biblioteca de Cultura Judaica. Rio de Janeiro: Tradição, 1967.
- WIAZOVSKY, T. *Bolchevismo e judaísmo*. A comunidade judaica sob o olhar do DEOPS. Módulo VI – Comunistas. São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial, 2001.
- WOLFF, E.; WOLFF, F. *Guia histórico da comunidade judaica de São Paulo*. São Paulo: B'nai B'rith S/C, 1988.

- _____. *Judeus no Brasil Imperial*. São Paulo: Centro de Estudos Judaicos, 1975.
- _____. *Judeus nos primórdios do Brasil República*. Rio de Janeiro: Biblioteca Israelita C. N. Bialik.

Entrevistas

1) BARMAK, Moyses. - n. 1911, Ucrânia/Rússia - Entrevistado em 17 de março de 1995.
Entrevistadoras: Gaby Becker e Marina Grytz.
Transcrição: Marina Grytz - Edição: Marília Freidenson.

2) TREZMIELINA, Salomão - n. 1910, Polônia - Entrevistado em 9 de julho de 1994.
Entrevistadoras: Eliane Kalmus e Paulina Faiguenboim
Transcrição: Thea Joffe - Edição: Marília Freidenson

3) SIMON, Siegbert - n. 1911, Bromberg, Prússia. (Alemanha).
Entrevistado em 13 de novembro de 1991.
Entrevistadoras: Gaby Becker e Marília Freidenson. Transcrição e Edição: Marília Freidenson

4) BENEDEK, Gerta - n. 1937, São Paulo, SP, Brasil - Entrevistada em 29 de Janeiro 2007.
Entrevistadoras: Paulina Faiguenboim e Adriana Jacobsberg
Transcrição: Thea Joffe - Revisão Mirella Levy - Edição: Marília Freidenson

Abstract: A study quoted by Richard M. Morse mentions “incompatibility between Jewish groups” in São Paulo in 1941. A research was undertaken to see if this could have been caused by the different languages and traditions of Ashkenazi Jews from Eastern Europe, and Sephardic Jews of Iberian origin. Their paths throughout history were shown. The frail communication between them in Brazil could not be defined as incompatibility. Interviews for the Oral History project: *Jewish immigration in São Paulo*, of the Jewish Brazilian Historical Archive, recall fights between different left-wing groups in the thirties which explain Morse’s quotation, but the interviews also confirm that Jewish integration in São Paulo is a fact.

Keywords: Jewish identity. Historical paths. Jewish immigrants.